

A TRIBALIZAÇÃO E O POP NA OBRA DE ARNALDO ANTUNESCarmem Silvia de Carvalho RÊGO¹ (Universidade Federal do Ceará)

RESUMO: este estudo oferece uma análise da canção *Tribalistas*, gravada em álbum de tríplice autoria, pelos artistas Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte. A análise parte do pensamento de Maffesoli (2006) acerca do processo de tribalização que se constrói na pós-modernidade como consequência da massificação das relações sociais. Para Maffesoli (2006), em cada época, há um tipo de sensibilidade que predomina, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros; sensibilidade e estilo que, na pós-modernidade, resultam no referido processo de tribalização. É particularmente interessante observarmos o quanto a canção analisada parece dialogar diretamente com os pressupostos teóricos do autor. Ousamos dizer: há uma paráfrase da teoria pela canção (ou seria da realidade por ambas?).

PALAVRAS-CHAVE: Tribalização. Discurso literomusical. Pós-modernidade. Posicionamento *pop*.

1. Considerações iniciais

Falar em *tribo* pode nos remeter bem diretamente à imagem de um agrupamento de índios, quem sabe no interior da Amazônia ou, mais raramente, aqui bem perto, no litoral nordestino. Apesar dessa fácil associação, é outra a configuração do conceito sobre a qual viemos discutir. Tratamos neste artigo de analisar a prática e a textualização significantes de tribo na pós-modernidade, e, para tanto, viemos discutir suas relações com o pensamento de Maffesoli (2006), que tem nos oferecido aparato teórico para a compreensão de uma mudança que se sedimenta na sociedade urbana da atualidade: o deslocamento do social para o que o autor chama de socialidade, em que as relações se reorganizam em tribos – um neotribalismo.

A partir de estudos acerca do investimento ético das canções de Arnaldo Antunes², chamou-nos a atenção na produção desse artista a presença de valores relacionados ao que Maffesoli (2006) atribui ao processo de tribalização na sociedade pós-moderna.

As idéias de Maffesoli (2006) vieram nortear a interpretação de sentidos que já percebíamos na canção de Arnaldo Antunes e que dissonavam dos investimentos éticos então descritos para o posicionamento *pop* (COSTA, 2001). De início, não sabíamos onde ancorar essa interpretação. Nossa percepção estava ainda sobre os pés da experiência pessoal e da identificação desses sentidos com grupos sociais ligados à ecologia, à anarquia e à formação de comunidades alternativas, que, contemporaneamente à iniciação de Arnaldo Antunes no cenário musical brasileiro, organizavam-se a partir dos grandes centros urbanos do país.

¹ Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq.

² Em projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, intitulado *O(s) investimento(s) ético(s) de Arnaldo Antunes no posicionamento pop do discurso literomusical brasileiro*.

Não pretendemos que este artigo apresente uma exposição exaustiva das relações entre a canção de Arnaldo Antunes e o conceito de tribalização apresentado por Maffesoli (2006). Não obstante, trazemos aqui a surpreendente *co-incidência*³ de idéias que podemos encontrar a partir da análise de uma canção, que consideramos, no que concerne à tribalização, emblemática. O nome da canção, dizemos mais seguramente agora, não veio à toa: *Tribalistas*, composta pelo trio Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte, é a canção que nos parece dizer e fazer na arte o que nosso teórico esclarece na teoria. Vejamos.

2. A tribalização na pós-modernidade: do social à socialidade

Há, etimologicamente, na palavra ‘tribalização’ a indicação da mudança de um estado de realidade a outro. A pós-modernidade não surgiu com a tribalização, mas sim o inverso, em um processo de transformação social que, como veremos adiante, desloca a função do indivíduo para o papel da *persona*.

Para Maffesoli (2006), em cada época, há um tipo de sensibilidade que predomina, um tipo de estilo destinado a especificar as relações que estabelecemos com os outros, e, de modo geral, existe uma *Potência* afirmativa que repete ao infinito o “jogo (sempre) recomeçado do solidarismo ou da reciprocidade” (p. 126). Há, na atual sensibilidade, um deslocamento do social para um campo que o autor chama de *socialidade*. Enquanto no campo do social, tínhamos o indivíduo, que podia ter uma função na sociedade, e funcionar no âmbito de um partido, de uma associação ou de algum grupo estável; no campo da socialidade, temos a pessoa (*persona*), que representa papéis dentro de sua atividade profissional e das diversas tribos de que participa, e assume lugares (e seus respectivos figurinos), a cada dia, nas diversas peças do *theatrum mundi*.

Maffesoli (2006) considera, sobretudo, as relações que se estabelecem na massa, espaço em que “nos cruzamos, nos roçamos, nos tocamos, interações se estabelecem, cristalizações se operam e grupos se formam” (p.128):

A fusão da comunidade pode ser perfeitamente desindividualizante. Ela cria uma união em pontilhado que não significa uma presença plena no outro (o que remete ao político), mas antes estabelece uma relação oca que chamarei de *relação tátil* (MAFFESOLI, p. 127-128).

A chamada *união em pontilhado* é uma ambiência especial criada por meio de sucessivas sedimentações das chamadas relações táteis. Práticas cotidianas da massa, como a correspondência por computador, as redes sexuais, as diversas solidariedades e os encontros esportivos e musicais – indícios de um *ethos* em formação – delimitam esse novo espírito, que Maffesoli denomina socialidade.

Para apreender o sentimento e a experiência partilhados nas numerosas situações e atitudes sociais da pós-modernidade, o autor (2006) entende que, no lugar da abordagem de ordem econômico-política (que remete ao indivíduo e não à pessoa), seja conveniente a

³ Optamos por usar o termo *co-incidência*, e seus correlatos, no lugar do padrão *coincidência*, com o propósito de destacar o conceito de incidência simultânea, e não casual, de dois ou mais eventos.

abordagem de outro ângulo, o da estética, que lhe parece menos ruim. Estética, entendida de maneira etimológica, como a faculdade comum de sentir, de experimentar.

A partir da elaboração por M. Scheler de uma “ética da simpatia” – que não seria, segundo Maffesoli (2006), nem essencial nem exclusivamente, social, mas sim uma forma englobante –, o autor formula a hipótese de que, seguindo o vai-e-vem das formas de sensibilidade que predominam na história humana, está novamente em alta o tribalismo, que “privilegiaria a função emocional e os mecanismos de identificação e de participação que lhes são subseqüentes” (p. 131).

Em uma espécie de processo matricial, “tal como uma boneca *gigogne*⁴, o grande objeto-massa contém em si pequenos objetos-grupos que se difractam ao infinito” (MAFFESOLI, 2006, p. 131). Há nisso mais que a manifestação de um desejo de estar de acordo com o grupo. Trata-se então, segundo o autor, de uma consequência da massificação, dentro da qual os reagrupamentos se formam, incidentalmente e de maneira aleatória.

De maneira quase animal, sentimos uma força que transcende as trajetórias individuais, ou antes, que faz com que estas se inscrevam em um grande balé cujas figuras, por mais estocásticas que sejam, no fim das contas, nem por isso deixam de formar uma constelação cujos diversos elementos se ajustam sob forma de sistema sem que a vontade ou a consciência tenham nisso a menor importância. É esse o arabesco da socialidade (MAFFESOLI, 2006, p. 133).

Diferentemente do tribalismo clássico, que induz à estabilidade, o neotribalismo é caracterizado pela fluidez, pelos ajuntamentos pontuais e pela dispersão. Sob as mais diversas formas, o neotribalismo não se reconhece em qualquer projeto político ou se inscreve em alguma finalidade; tem, como única razão de ser, a preocupação com um presente vivido coletivamente.

Maffesoli (2006) alerta para a necessidade de, ao levantar a hipótese do “sentimento partilhado”, repensar o papel do Terceiro, ou seja, do plural na estrutura societal:

A relação conjugal Indivíduo-Estado podia sofrer algum percalço, sua órbita, entretanto, estava bem delimitada. A intrusão do terceiro nos faz penetrar em uma tempestade cujas consequências é difícil avaliar (p. 172).

No neotribalismo, a multiplicidade é, assim, o princípio vital. O dualismo, que remete ao purismo e à estabilidade, cede lugar à efervescência e à imperfeição do três⁵.

Dessa maneira, à sonhada Unidade está se sucedendo uma espécie de unicidade: o ajustamento de elementos diversos. À imagem de cenestesia que sabe integrar, no quadro de uma harmonia conflitual, os funcionamentos e os disfuncionamentos corporais, a noção do Terceiro acentua o aspecto fundador da diferença. E não na perspectiva unamita da tolerância, mas antes em referência ao que se pode chamar de a organicidade dos contrários (MAFFESOLI, 2006, p. 172-173).

Considerando esta abordagem de cunho estético – no referido sentido etimológico de um meio de experimentar, de sentir em comum e, também, um meio de reconhecer-se –,

⁴ Segundo nota da tradutora (MAFFESOLI, 2006, p. 131), personagem do teatro infantil que representa uma mãe com muitos filhos que lhes saem por baixo das saias.

⁵ O número três remete à tríade, que, no sentido estrito relaciona-se à tensão de elementos heterogêneos em que se apóia o dinamismo cultural e individual.

Maffesoli (2006) considera que o neotribalismo explora a teatralidade na instauração e reafirmação da comunidade. O culto ao corpo, as máscaras presentes nos jogos da teatralidade só fazem sentido porque se inscrevem, segundo o autor, em uma cena ampla em que cada um é, ao mesmo tempo, ator e espectador.

É próprio do espetáculo acentuar, diretamente, ou de maneira eufemística, a dimensão sensível, tátil da existência social. Estar-junto permite tocar-se. (...). O retorno da imagem e do sensível, em nossas sociedades, remete certamente a uma lógica do tocar (MAFFESOLI, 2006, p. 134).

A concatenação de diversos círculos construídos na teatralidade, segundo Maffesoli (2006), é o que caracteriza outro aspecto da socialidade, o da *religiosidade*, que não exclui o desenvolvimento tecnológico, ao contrário, pode por ele ser apoiada ou, ao menos, com ele caminhar lado a lado. O que caracteriza nossa época é, portanto, o entrecruzamento de uma multiplicidade de círculos construídos na massa e pela massa, cuja articulação, sedimentada na comunidade, forma as figuras da socialidade.

Citando “Memórias de Adriano”, de Marguerite de Yourcenar, Maffesoli (2006, p. 136), sintetiza a função essencial da socialidade: “Creio que seria possível compartilhar da existência de todos, e esta simpatia seria uma das espécies menos revogáveis da imortalidade”, função que é, para o autor, “permitir pensar aquilo que traz em si o futuro, no próprio seio daquilo que está acabando” (p. 136).

2.1. O retorno ao futuro

A atualização de relações tribais na pós-modernidade ao mesmo tempo que retoma atitudes de épocas longínquas, nesse vai-e-vem de sensibilidades destacado por Maffesoli (2006), certamente tem em si características inusitadas e que rumam ao futuro, inevitavelmente, jamais ao retrocesso. Embora aqui esteja presente a estética de uma época passada, é nova e outra esta sensibilidade.

Maffesoli (2006) percebe na atualidade uma nostalgia medieval que, ao contrário das perspectivas mecanicistas e individualistas, próprias do positivismo do século XIX, lembra que a perspectiva *orgânica* não pode ser totalmente descartada. Nessa perspectiva, o autor (2006) reforça a ideia de que “diretamente ou *a contrario*, é sempre em relação ao grupo que se vai determinar a vida social” (p. 137), o que, para ele é fundamento da estrutura socioantropológica do tribalismo.

Sem temer a simplicidade das palavras, ou o seu aspecto repetitivo, talvez possamos falar de uma sociedade natural, insistindo, justamente, no aspecto paradoxal da expressão. Com efeito, mesmo sob a forma da agressividade ou do conflito, existe uma propensão ao reagrupamento (MAFFESOLI, 2006, p. 139).

Para falarmos dessa matriz fundamental que engloba e anima o conjunto da vida cotidiana, é necessário, segundo o autor (2006), considerar que “a lógica comunicacional, ou ainda a interação, particularmente visíveis nos grupos, têm tendência a privilegiar o todo, o aspecto arquitetônico e a complementaridade que deles resulta” (p.139). Assim, por mais

ampla e diversa que seja a tal concatenação de círculos nesse complexo, há sempre a relação que liga qualquer uma das partes ao todo – nada está isolado.

Tempo houve em que se realçava tudo que era possível distinguir em um dado conjunto, tudo que se podia separar e particularizar. Agora, cada vez mais, nos damos conta de que mais vale considerar a sincronia ou a sinergia das forças que agem na vida social. Isso posto, redescobrimos que o indivíduo não pode existir isolado, mas que ele está ligado, pela cultura, pela comunicação, pelo lazer e pela moda, a uma comunidade, que pode não ter as mesmas qualidades daquelas da Idade Média, mas que nem por isso deixa de ser uma comunidade (MAFFESOLI, 2006, p. 140).

Maffesoli (2006) chama de *reencantamento do mundo* a essa concatenação de grupos com intencionalidades indefinidas mas exigentes que podemos perceber nas épocas de massa. Entendemos esse reencantamento como consequência inevitável da inadequação dos valores já estabelecidos e da construção natural, mesmo indefinida, de uma renovada estrutura social – ou, como prefere Maffesoli (2006) para a contemporaneidade, societal –.

Maffesoli (2006) considera uma dúplici atitude que caracteriza toda fundação: o paradigma da alteridade fundadora, aquilo que, ao mesmo tempo, encerra e inaugura. “Trata-se de um procedimento que se repete regularmente, em particular cada vez que ocorre a saturação de uma ideologia, ou, mais precisamente, de uma *episteme* particular” (p. 143).

Seguindo Maffesoli (2006), entendemos que seja fundamental reconhecermos que o tribalismo está presente nos diversos modos de vida da contemporaneidade. Modos de vida em que as relações não mais se estruturam a partir de um pólo unificado. A vida, como esclarece o autor (2006), enquanto obra, não é mais assunto de alguns,

Ela se tornou um processo de massa. A estética à qual isso nos remete não mais pode resumir-se em uma questão de gosto (...) ou de conteúdo (...). *É a forma estética pura que nos interessa: como se vive e como se exprime a sensação coletiva* (p. 147, grifos do autor).

Este nosso estudo, particularmente, focaliza a assunção da sensibilidade tribalista no discurso literomusical brasileiro. Apresentamos aqui uma interpretação, uma leitura da canção “Tribalistas” em sua interdiscursividade e até intertextualidade com a teoria apresentada em Maffesoli (2006).

Entendemos que o tribalismo está presente em várias produções da canção de Arnaldo Antunes e também na obra de outros cancionistas, como na de seus próprios parceiros Marisa Monte e Carlinhos Brown ou mesmo – é inevitável mencionar – na obra do inesquecível Raul Seixas. Contudo, como já mencionamos nas considerações iniciais, a canção “Tribalistas” é emblemática dessa representação. E é isso nos levou a escolhê-la como a canção a nos guiar na apreensão desse fenômeno em que estamos, também, imbuídos.

3. Análise da canção

Lançada dentro de um projeto *co-incidentalmente* chamado *Tribalistas*, de autoria do trio Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown e Marisa Monte⁶, a canção também assim intitulada, como veremos, parece parafrasear as idéias de Maffesoli “no corpo e na alma”.

As idéias lançadas nas canções dispersam-se pela interpretação de cada ouvinte e de todos, estejam eles sob ouvidos de frequência científica ou de mera apreciação. Portanto, não nos cabe aqui dizer qual idéia foi lançada na canção *Tribalistas*, mas sim o que alcançamos, enquanto pesquisadores, em nossa própria interpretação, que, certamente, tanto dispõe do apoio do referencial teórico que ora adotamos, como também, e sem menos importância, de nossas próprias experiências com o tema e com a canção, assim como com sua prática social.

Eis a letra da canção⁷:

Tribalistas

(Arnaldo Antunes/ Marisa Monte/ Carlinhos Brown, Phonomotor/EMI, 2002)

Tríade, trinômio, trindade, trímico, triângulo, trio
Trinca, três, terno, triplo, tríptico, tripé, tribo

Os tribalistas já não querem ter razão
Não querem ter certeza, não querem ter juízo nem religião
Os tribalistas já não entram em questão
Não entram em doutrina, em fofoca ou discussão

Chegou o tribalismo no pilar da construção

Pé em Deus
E fé na Taba
Pé em Deus
E fé na Taba

Um dia já fui chipanzé
Agora, eu ando só com o pé
Dois homens e uma mulher
Arnaldo, Carlinhos e Zé

Os tribalistas saudosistas do futuro
Abusam do colírio e dos óculos escuros
São turistas, assim como você e o seu vizinho
Dentro da placenta do planeta azulzinho

Pé em Deus
E fé na Taba
Pé em Deus
E fé na Taba

Um dia já fui chipanzé
Agora, eu ando só com o pé
Dois homens e uma mulher
Arnaldo, Carlinhos e Zé

Dois homens e uma mulher

⁶ Embora encontremos outros eventos de parceria e colaboração entre esses artistas brasileiros, o projeto *Tribalistas* foi pontual no sentido de concentrar o trio nesse evento único, produzido para ser único.

⁷ É uma pena que este gênero ainda não nos permita lhes levar a ouvir a melodia.

Arnaldo, Carlinhos e Zé
Um dia já fui chipanzé
Agora, eu ando só com o pé

Pé em Deus
E fé na Taba
Pé em Deus
E fé na Taba

O tribalismo é um antiovimento
Que vai se desintegrar no próximo momento
O tribalismo pode ser e deve ser o que você quiser
Não tem que fazer nada, basta ser o que se é
Chegou o tribalismo, mão no teto e chão no pé

Pé em Deus
E fé na Taba
Pé em Deus
E fé na Taba

No projeto Tribalistas, a tríade já se forma na própria composição do grupo e também se exhibe logo na introdução da canção⁸. Focalizando a presença da idéia de deslocamento do dualismo Indivíduo-Estado para a heterogeneidade e multiplicidade da tríade, podemos ver no trecho “Um dia já fui chipanzé/ Agora, eu ando só com o pé”, a oposição entre as duas posições de andar (apoiado em quatro bases *versus* apoiado no pé), que leva-nos à oposição entre o equilíbrio do modernismo e a instabilidade do pós-modernismo. O tribalismo na canção é construído a partir de três eixos, bem de acordo com o que indica Maffesoli (2006):

A metáfora do triadismo permite fazer ressaltar o paradoxo, o estilhaçamento, o dilaceramento, o contraditório em ação em uma palavra, a pluralidade constitutiva desse neotribalismo contemporâneo (p. 172).

Como nada é tão contundente em uma canção quanto à presença de um refrão, comecemos a análise por ele: “Pé em Deus/ Fé na Taba” exhibe dois dos três eixos – e pressupõe o terceiro⁹ – que compõem o círculo de construção do tribalismo aí cantado.

Consideremos uma oposição entre “pé” e “fé”, em que pé remeta a algo já estabelecido e fé a algo que se queira alcançar: passado e futuro, sustentação e propulsão de um presente reinventado a cada momento. Temos em “Pé em Deus” a indicação de *Deus* como base, como chão em que os tribalistas se apóiam; em “Fé na Taba”, considerando que a palavra “taba” relaciona-se ao conceito de habitação coletiva indígena, a canção aponta para um modo de vida tribal, para o *estar-junto* de que nos fala Maffesoli (2006). Nisso, reconhecemos uma base (Deus), uma busca (o estar-junto) e o elemento capaz de integrar os dois primeiros (o momento presente).

Esse presente frequentemente reinventado encontra-se também difuso por outros trechos da letra, como em “São turistas, assim como você e o seu vizinho”, que traz a idéia de um estado atual porém passageiro – algo como dizer: estamos todos aqui, mas não viemos para ficar nem aqui começamos. Bem de acordo com a idéia maffesoliana de que a mudança social

⁸ Notamos que o trecho introdutório da canção – “Tríade, trinômio, trindade, trímoro, triângulo, trio/ Trinca, três, terno, triplo, tríplice, tripé, tribo” – é uma inserção que não consta no encarte do álbum, embora seja cantado na faixa correspondente.

⁹ Não estabelecemos qualquer hierarquia entre esses três eixos. Eles são concorrentes.

acontece na dialética de um estado que se instaura ao mesmo tempo em que outro se desequilibra, um como propulsor do outro, *ad infinito*.

Do mesmo modo, percebemos o trecho “O tribalismo é um antiovimento/ Que vai se desintegrar no próximo momento”. O momento é este; não há nada que dure por mais que o momento presente. O Projeto Tribalista, elaborado pelo trio de cancionistas, é pontual, no sentido de ser uma construção única, concentrada em um momento único, para ser assim mesmo e “se desintegrar” logo em seguida. O que é inevitável, de acordo com essa sensibilidade de que nos fala Maffesoli (2006).

E é nesse incessante “antiovimento” que “O tribalismo pode ser e deve ser o que você quiser”, pois, retomando o pensamento de Maffesoli (2006), a vida já não é assunto de alguns. É a massa, no cotidiano, que, por seus inúmeros círculos concatenados, cria os modos de vida e na vida se faz existir, como em “Não tem que fazer nada, basta ser o que se é”, como se tudo acontecesse “naturalmente”.

No trecho a seguir, temos dois pares aparentemente contraditórios.

Os tribalistas saudosistas do futuro
Abusam do colírio e dos óculos escuros

“Saudosistas” e “futuro” parecem ter sentidos antagônicos, mas, pensando na socialidade que é reinventada no neotribalismo, vemos perfeita harmonia na expressão “saudosistas do futuro”, pois aí está justamente a sensibilidade que une o tribalismo clássico ao tribalismo pós-moderno, uma espécie de atualização de uma sensibilidade já vivida e, ao mesmo tempo, nova. Assim, os tribalistas têm saudades, querem recuperar uma sensibilidade já vivida, mas inevitavelmente reorganizada pelas relações atuais.

“Abusam do colírio e dos óculos escuros” lembra Raul Seixas em “Quem não tem colírio usa óculos escuros”. Contudo, a atitude aqui não é de ter uma coisa em alternativa à outra, mas de usufruir de ambas. Colírio é claridade; óculos escuros é sombra. Os tribalistas não tendem para luz ou para a obscuridade, penetram nos dois universos e não pertencem a nenhum.

Até porque

Os tribalistas já não querem ter razão
Não querem ter certeza, não querem ter juízo nem religião
Os tribalistas já não entram em questão
Não entram em doutrina, em fofoca ou discussão

Assim, seguindo o que nos mostra teoricamente Maffesoli (2006), o neotribalismo não adere a determinadas instituições; o neotribalismo está em tudo que move a massa, sem pertencer a nada.

A canção pode nos levar ao sentido de total desvinculação de qualquer juízo ou valor, contudo, entendendo e seguindo o pensamento de Maffesoli (2006), o que percebemos é uma ausência de compromisso com qualquer instituição estabelecida dentro da dualidade Indivíduo-Estado. E isso não quer dizer que não haja aí valores, princípios, atitudes a serem

seguidos. Há sim uma grande diversidade que, mesmo considerando sua origem matricial, não oferece condições de ser estabilizada, de ser unificada.

Para Maffesoli (2006), independentemente dos grupos que o suscitam, há um amor pelo próximo e pelo presente que dá sentido à memória coletiva, à memória da cotidianidade:

Dessa maneira, o estrangeiro e o nativo, o patrício e o homem do povo, *volens nolens*, são parte ativa de uma força que os ultrapassa e que assegura a estabilidade do conjunto. Cada um desses elementos, durante algum tempo, é prisioneiro do *glutinum mundi* que, segundo os alquimistas da Idade Média, assegurava a harmonia do total e do particular (MAFFESOLI, 2006, p. 203).

E assim, “Chegou o tribalismo no pilar da construção”.

Considerações finais

É particularmente interessante observarmos que a canção “Tribalistas” parece dialogar diretamente com os pressupostos teóricos de Maffesoli (2006): é termos num só ato a representação e a prática do que o autor nos expõe.

O que temos, portanto, não vem a ser uma proposta tribalista da canção, mas sim o próprio tribalismo na canção. O grupo, talvez não por acaso, formado por três artistas (Arnaldo Antunes, Marisa Monte e Carlinhos Brown), promove um evento (o projeto Tribalista) que acontece na tribalização, ao mesmo tempo, que a ela se refere.

As idéias de Maffesoli (2006), como ele mesmo caracteriza, pertencem a uma tendência sonhadora da Sociologia, com a qual em muito nos identificamos. Até mesmo a canção analisada, ao caracterizar os tribalistas como “saudosistas do futuro”, mostra-nos uma perspectiva otimista, de busca da atualização de atitudes da sensibilidade vivida em outras épocas. Entre o passado e o futuro, está este momento presente, que, inevitavelmente é o elo entre o ontem e o amanhã, e é o espaço em que, de fato, podemos viver e fazer a diferença.

Referências

COSTA, Nelson Barros da. MACHADO, Anna Rachel; Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem. **A produção do discurso lítero-musical brasileiro**. São Paulo, 2001. 486 f. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada e Estudos da Linguagem, São Paulo – SP, 2001.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades de massa**. 4. ed. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

DISCOGRAFIA

ANTUNES, Arnaldo; BROWN, Carlinhos; MONTE, Marisa. **Tribalistas**, EMI, 2002. CD produzido por Marisa Monte. / DVD dirigido por Guilherme Ramalho.